

RESENHA BIBLIOGRÁFICA (1)

OLEIRO (João Manuel Bairrão). — *Catálogo de Lucernas romanas do Museu Machado de Castro*. Coimbra, 1952. 46 pp. e 5 pp. com estampas; 166x116.

O Autor, que é um dos mais jovens investigadores de arqueologia romana em Portugal e atualmente 2.º assistente da Cadeira de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra, publicou já os seguintes estudos sobre aquele período:

1) *Elementos para o estudo da "Terra Sigillata" em Portugal. I. Marcas de oleiro encontradas no País*, in "Revista de Guimarães", vol. LXI, 1951;

2) *Quatro peças da coleção de lucernas do Museu Machado de Castro (Coimbra) procedentes de Conimbriga*, in "Archivo de Prehistoria Levantina", t. I, Valência, 1952;

3) *Notícias de alguns materiais arqueológicos procedentes de Conimbriga (Crônica do II Congresso Arqueológico Nacional)*, Madrid (1951);

4) *Materiales arqueológicos de Conimbriga. El mosaico del Laberinto*, in "Archivo español de arqueología", vol. XXIV, 1951.

No catálogo presente, que constitui a primeira monografia daquele museu de Coimbra depois que Luiz Reis Santos assumiu a sua direção, descrevem-se 37 lucernas aí existentes e que são as primeiras que ficam expostas ao público, pois mais outras há ainda para estudar e expôr. Além disso, o A. promete fazer um estudo sobre as lucernas encontradas em 1949 no Pátio da Universidade.

Na introdução, Bairrão Oleiro explica, resumidamente, o critério seguido. Assim começa por focar a finalidade da lucerna e diz: "Os romanos utilizavam duas espécies de fontes luminosas: as que não consumiam e as que consumiam combustíveis líquidos. Entre as primeiras estão as tochas (fax) e as velas (candelae). As segundas eram: as lucernas (lucernae) e as lanternas (lanternae ou loternae). Quanto às lucernas afirma: "Podiam ser de pedra, vidro, metal e barro. As mais vulgares, por mais baratas, são as de barro, seguidas a razoável distância pelas de bronze, de que o Museu não possui qualquer exemplar... Eram normalmente feitas com moldes (um para a parte superior, outro para a inferior, unindo-se as duas metades quando o barro ainda estava fresco). As suas partes essenciais são as seguintes: reservatório para o líquido combustível (geralmente azeite) — *Infundibulum*; parte que cobria o reservatório (lisa ou decorada), com um ou mais orifícios alimentadores — *discus*; orla (lisa ou decorada) que rodeia o disco — *margo*; bico (ou bicos) com orifícios para a mecha — *rostum*, *nasus* ou *myxus*; asa (fechada ou perfurada) — *ansa* ou *manubrium*. Quanto à sua utilização, empregavam-se nas casas particulares e edifícios públicos, oferendas religiosas, minas, etc."

Depois de citar a classificação de H. B. Walters, in *Catalogue of the Greek and Roman Lamps in the British Museum* (Londres, 1914), apresenta a ficha-tipo que usou e que consiste no seguinte:

n.º ordem; atribuição cronológica; n.º de inventário (nos casos em já foi possível determiná-lo); procedência; dimensões; tipologia; marca (quando houver); descrição propriamente dita; alguns paralelos e bibliografia.

Seguidamente apresenta as "fichas" das 37 lucernas agora estudadas e da pág. 41 à 44 dá os desenhos de fragmentos das lucernas que vão do n.º 16 ao

(1) — Solicitamos dos Srs. Autores e Editôres a remessa de sua publicações para a competente crítica bibliográfica.

37. Antes, porém, publica as estampas das 15 primeiras lucernas e que se encontram em melhor estado do que as outras. Por último dá a bibliografia ou enumera as obras consultadas.

As lucernas agora catalogadas são tôdas provenientes de Conimbriga (a cidade romana junto de Condeixa-a-Velha, no distrito de Coimbra). Quanto à sua cronologia, estende-se desde o século I ao século IV d. C., ou mais exatamente à época paleo-cristã.

JORGE PEIXOTO

NUNES (Pedro) — *Defensão do Tratado da Rumação do Globo para a Arte de Navegar* (obra desconhecida e inédita, agora dada ao prelo precedida de uma introdução sôbre a respectiva autenticidade) in *Inedita ac Rediviva* — subsídios para a História da Filosofia e da Ciência em Portugal, publicados por Joaquim de Carvalho, vol. IV, XXXII — 87pp. (Sep. da Revista da Universidade de Coimbra, vol. XVII, Coimbra, 1952).

Nem o grave mas, felizmente, não lamentável acidente de visão que o acometeu no ano passado, — que o impediu aliás de vir nos dar o prazer de ouvi-lo na nossa Faculdade — nem os muitos trabalhos que tem, esmorecem a atividade do ilustre Professor Joaquim de Carvalho. A êle deve Portugal e a cultura científica e filosófica do nosso tempo e de nossa língua, a importante coleção *Inedita ac Rediviva*, na qual já estão publicados trabalhos de muito valor, como são o *Contra o Juízo dos Astrólogos*, de frei Antônio de Beja; o *Ensino Philosophico* sôbre o Entendimento Humano, de Locke (resumo dos livros I e II, recusado pela Real Mesa Censória); a *Correspondência Científica dirigida a João de Magalhães* e, agora, a *Defensão do Tratado da Rumação do Globo para a arte de navegar*, de Pedro Nunes. A todos êstes trabalhos juntou o ilustre professor da Universidade de Coimbra, magistrais estudos introdutórios que são verdadeiras e sábias demonstrações do difícil “ofício de historiador” a que se obriga também o historiador da filosofia, e até o filósofo que não se limita apenas à especulação “pura” ou, como acontece muita vez, à instável fantasia caprichosa de certos filosofantes, mais interessados na aparência social do que no trabalho recatado e honesto.

O livro de Pedro Nunes, cuja importância deve ser assinalada a todos que não sômente se interessam pela história das ciências, mas também pelo estudo da riquíssima época que é a renascença em Portugal, à qual se prendem a nossa própria história.

Em 1944, o então leitor de italiano na Universidade de Coimbra, indicara ao Prof. Joaquim de Carvalho a existência, no catálogo da Biblioteca de Florença, de uma obra atribuída a Pedro Nunes. Em 1949, examinou o Prof. Carvalho, *in loco*, o próprio manuscrito, convencendo-se da inteira autenticidade do trabalho. E é êsse manuscrito que ora vem publicado no vol. IV da excelente coleção que aquêle professor organizou e dirige.

A introdução ao trabalho de Pedro Nunes é um estudo muito sério acêrca das vicissitudes e da autenticidade da obra. É, como dissemos acima, uma lição de mestre e bom seria que ela fôsse bem aprendida. Há nessa introdução, interessantes referências aos acontecimentos ligados aos últimos anos de vida do grande sábio português do século XVI. A história do manuscrito prende-se “às dúvidas que Martim Afonso de Sousa apresentou em 1533 a Pedro Nunes, no regresso da viagem ao Brasil” e que “foram o ponto de partida das reflexões que levaram o nosso geômetra ao descobrimento da curva que o navio descreve navegando com o mesmo rumo, isto é, mantendo sempre o ângulo da direção da proa com o meridiano verdadeiro, e a explicar e a corrigir os defeitos das cartas de marear quadradas, em uso pelos nossos navegadores”. (p. xix). Isto mostra mais uma vez que os homens encarregados de dirigir os primeiros passos da colonização portuguesa, no Brasil eram homens de valor. Já sabíamos